

Núcleo de Educação Popular - 13 de Maio São Paulo, SP.

# CRÍTICA SEMANAL DA ECONOMIA

Tel. (11) 8201 6059 ou (11) 92357060. e-mail: [criticasemanal@uol.com.br](mailto:criticasemanal@uol.com.br)

EDIÇÃO ESPECIAL nº 1000; ano 23; 1ª semana de Dezembro/2009

## NO CAMINHO DA REVOLUÇÃO José Martins

*A crise acabou? Parece que sim. Mas falta dizer quando. Enquanto os economistas do sistema não forem capazes de dar uma data, o mercado continua na dúvida se ela realmente acabou. Se até a data do fim da crise, de uma coisa que já aconteceu, eles demoram em anunciar com segurança, imagina se eles tentassem prever quando (e como) a nova crise vai começar. Só os trabalhadores são capazes dessa tarefa.*

Marx dizia corretamente o seguinte: “Quem procura descobrir as leis que comandam as crises do mercado mundial deve definir não só seu caráter periódico, mas **também as datas exatas do seu retorno periódico**. Por outro lado, as características distintivas, próprias a cada nova crise econômica não devem esconder os aspectos que são comuns a todas”<sup>1</sup>

A periodicidade, quer dizer, a repetição regular das crises – ou pelo menos pressões periódicas muito claras de superprodução de capital, que podem também ser detectadas empiricamente – faz com que uma crise cíclica não ocorra aleatoriamente. Assim, toda crise pode (e deve) ser datada, e toda análise séria procura determinar o momento exato em que ela poderá se manifestar.

A capacidade de previsão é uma característica do saber científico. Com uma boa teoria, pode-se, então, verificar com elevado grau de precisão que os ciclos econômicos são periódicos e não totalmente aleatórios. E, dentro desses períodos, suas diferentes fases – retomada, expansão, aceleração máxima, desaceleração e crise – obedecem a certas condições concretas distintivas a cada ciclo, e principalmente, a um tempo razoavelmente regular. A não ser no caso muito raro de uma depressão global, quando o tempo desaparece, a última fase (desaceleração e crise) de um determinado ciclo também tem hora para começar e para terminar. Vejamos como os ideólogos e os economistas do capital lidam com essa dinâmica da totalidade do sistema.

**OS IDEÓLOGOS DA BOLHA** – Não é uma tarefa fácil seguir aquelas recomendações teóricas de Marx para se tratar seriamente das crises do capital. Principalmente para os ideólogos mascarados de economistas. Em primeiro lugar, é muito difícil à ideologia burguesa (ou pequeno-burguesa,

---

<sup>1</sup> Marx (Karl) – “British Commerce and Finance” – in *The New York Daily Tribune*, 04/Outubro/1858. Grifo no original. Este foi um jornal dos EUA publicado de 1841 a 1924. Marx (assim como Engels) escreveu centenas de artigos para o jornal, entre Agosto de 1851 e Março de 1862. Essa colaboração com o jornal foi interrompida durante a Guerra Civil estadunidense, devido a crescente influência no conselho editorial do jornal dos defensores de um compromisso com os escravagistas do Sul e o conseqüente distanciamento do jornal de suas antigas posições mais progressistas.

principalmente) aceitar a realidade da superprodução de capital enquanto tal, e, conseqüentemente, o caráter periódico das suas crises econômicas. A dificuldade está no fato que os ciclos econômicos não obedecem a nenhum automatismo natural, repetindo monotonamente e eternamente suas diferentes fases ou, muito menos, encaminhando mecanicamente para uma fatalista depressão econômica, um fatal desmoronamento, como quer os partidários da doutrina dos “ciclos longos”, do “longo declínio”, da “decadência do sistema” e outras variantes ideológicas que, como legítimos descendentes de Malthus, não podem aceitar o fato que não existe crise permanente, mas crises periódicas em permanência.

O irmão gêmeo desse catastrofismo malthusiano (e keynesiano) é a nebulosa idéia (apenas idéia) que “mais cedo ou mais tarde essa bolha vai explodir!” O certo é que nem mais cedo nem mais tarde esses ilusionistas vão conseguir ir além de uma grosseira confusão entre superprodução de capital com superacumulação ou, pior ainda, e na maioria dos casos, com as famigeradas “bolhas especulativas”. O certo, mesmo, é que não vale a pena perder tempo com essas bobagens. Vejamos outras variantes mais interessantes de funcionários do capital, não tão estereis como os ideólogos da bolha.

**O EMPIRISMO DAS DATAS** – Além das ideologias, não desaparece a necessidade prática dos capitalistas procurarem com exatidão as datas de retorno periódico das suas crises. Isso eles não vão jamais conseguir e sempre vão encarar as crises como uma fatalidade, ou, para os liberais, como resultado de indevidas intervenções políticas (governo) na ordem harmoniosa do mercado. Acontece que os capitalistas não sabem o que é valor (e mais-valor), e, portanto, o que é capital.

As classes dominantes não sabem o que é capital, apenas obedecem instintivamente às suas determinações, ostentando orgulhosamente seu “instinto animal” na hora de organizar o *exército industrial de reserva*. Essa ignorância teórica não se origina de uma deficiência cognitiva natural, mas de um bloqueio intelectual de classes que não podem admitir – por necessidade de conservação material – a exploração de classes proprietárias e improdutivas sobre a classe operária mundial, a única produtiva, como base histórica de funcionamento do regime capitalista de produção.

Se eles não conseguem prever, tentam, pelo menos, datar quando as crises começaram e quando terminaram. Quer dizer, sempre depois do fato acontecido. Para isso eles criam majestosos centros de pesquisa e prospecção econômica para anunciar pomposamente ao mercado essas datas. E empregam nesses centros seus melhores economistas. Eles existem nos EUA, na União Européia e Japão. O mais conhecido é o estadunidense NBER<sup>2</sup>, cuja função principal é datar *a posteriori* os ciclos. Suas datações dos ciclos são as que o mercado adota oficialmente. Foram seus economistas que definiram oficialmente que o último

---

<sup>2</sup> - *National Bureau of Economic Research - Business Cycle Dating Committee*. [Instituto Nacional de Pesquisa Econômica – Comitê de Datação dos Ciclos Econômicos]. [www.nber.org/cycles](http://www.nber.org/cycles) O NBER reúne alguns dos melhores economistas dos EUA, como Robert Hall, Martins Feldstein, Jeffrey Frankel, Christina Romer, etc.

período de crise iniciou-se em Dezembro de 2007. Mas só fizeram esse anúncio em Dezembro de 2008. Doze meses depois de iniciada a crise!

Normalmente eles demoram de seis a dezoito meses para confirmar quando as crises começaram e quando terminaram. Durante a crise de 2000-2001, por exemplo, foi muito difícil para eles declarar publicamente quando a crise havia terminado. O comitê de datação do NBER demorou até Julho de 2003 para declarar oficialmente que o desabamento havia efetivamente terminado, vinte meses após o fato ter acontecido!

Assim, a dificuldade da tarefa de se datar os ciclos econômicos aparece mesmo quando se trata apenas de definir quando ele acabou. Como está acontecendo novamente nos dois últimos trimestres deste ano. É isso que procuram fazer atualmente os economistas do NBER: definir a data em que se encerrou o recente e mais pesado período de crise desde a Grande Depressão. Estão, novamente, com aquela mesma dificuldade que no encerramento do período anterior de crise (2000-2001).

Vale a pena ver como a *Bloomberg* retrata o assunto: “O fortalecimento do mercado de trabalho indica que a mais profunda recessão desde os anos 1930 pode ter acabado, embora seja ainda muito cedo para dizer exatamente em que mês ela acabou, declarou o chefe do comitê do NBER encarregado de comunicar essa data. As folhas de pagamento perderam mais 11.000 trabalhadores, menos do que a mais otimista previsão entre os economistas ouvidos pela Bloomberg News, conforme números do Departamento do Trabalho divulgados hoje em Washington. A taxa de desemprego declinou para 10,0%. *‘O relatório de hoje dá a impressão que o ponto mais baixo do emprego foi atingido por volta deste mês’* declarou em entrevista Robert Hall, que comanda o NBER. *‘O fundo do poço do Produto aconteceu provavelmente em algum ponto do verão passado. O comitê vai precisar fazer uma ponderação dos dados do Produto do meio do ano com os dados do emprego deste fim de ano. O meio do verão permanece o melhor candidato para a data definitiva do fim da recessão, provavelmente Julho, ou provavelmente Junho’*, declarou Hall. Para Jeffrey Frankel, professor de Economia em Harvard e do comitê de datação do NBER, um novo mergulho na crise poderia colocar outras dificuldades para o comitê. *‘No caso hipotético que a economia resolvesse repetir a dose no início de 2010, poderíamos chamar aquilo de uma nova recessão ou parte da mesma recessão?’* disse ele. *‘Provavelmente a última alternativa. Enquanto pudermos responder essa questão de outro modo, não podemos anunciar o fundo do poço. Então isso terá que esperar mais um pouco’* <sup>3</sup>

Durma-se com um barulho desses. Se até a datação do fim da crise, de uma coisa que já aconteceu há pelo menos alguns meses, eles demoram um tempão para anunciá-la com segurança, imagina se eles tentassem prever quando a nova crise vai começar.

**A REVIRAVOLTA DA PRÁXIS** – Confirmar depois do ocorrido é um trabalho para a Economia Política. Prever as datas exatas que ainda vão ocorrer, entretanto, é

---

<sup>3</sup> Bloomberg. com – NBER’s Hall Says Recession May Be Over, Month Unclear – [Hall do NBER declara que a recessão pode ter acabado, o mês não está claro] – 04/dezembro/2009.

um trabalho para a Crítica da Economia Política. Lendo aquelas recomendações de Marx no topo deste boletim, não estamos apenas diante de idéias esparsas da sua teoria das crises, mas da síntese de toda a sua análise a respeito do desabamento do regime capitalista. Essa síntese localiza-se de maneira prática dentro de uma realidade que se desenrola quotidianamente sob nossos olhos, na forma de um alucinante movimento material de produção e de circulação de mercadorias por todos os poros da crosta econômica terrestre. De um lado da arena da luta de classes, a totalidade dos capitalistas (e a quase totalidade dos seus economistas) não acreditam que esse movimento aparentemente inabalável e natural possa se desmanchar em uma crise geral e catastrófica, ameaçando na raiz a sobrevivência material da espécie humana. Eles apenas reagem politicamente (Estado), permanentemente, para que o sistema capitalista não desapareça na catástrofe. E reagindo eles prorrogam o desenlace do processo. Mas quanto mais eles reagem, mais aumenta a possibilidade e a magnitude da catástrofe social.

Do outro lado da arena, os trabalhadores (também enquanto totalidade, não como soma de indivíduos) sabem como, quando e por que a crise geral e catastrófica pode acontecer, mas sabem também que não é necessário aguardar até o último dia do apocalipse para começar a agir. Se essa catástrofe não acontecesse não haveria possibilidade moral para a ação revolucionária dos proletários, como dizia Rosa de Luxemburgo em *Reforma ou Revolução*. Se não ocorressem as crises periódicas de superprodução de capital, o regime capitalista seria eterno e imbatível. Aqui começa a verdadeira luta teórica, a *reviravolta da práxis* de que falava Marx. Exatamente em torno da crítica da natureza material das modernas crises econômicas capitalistas e do seu modo de funcionamento em ciclos econômicos.

No caminho da revolução, com a bússola da teoria à mão e revigorados pela brisa das grandes crises periódicas do capital, serão os homens, mais uma vez, que farão a sua própria história. Mas, desta vez, a revolução só poderá ser feita pela única classe capaz de pensar antes e agir depois. A única classe produtiva e capaz de oferecer um plano de vida para a espécie humana, finalmente liberta da pré-história dos homens e do plano de morte imposto pela civilização do capital.

**ATINGIMOS NOSSA EDIÇÃO Nº 1000 DO BOLETIM!  
PARTICIPE DESSA NOSSA AVENTURA!**

Para receber **semanalmente** em seu email análises econômicas como esta que você acabou de ler, assine e divulgue o boletim **CRÍTICA SEMANAL DA ECONOMIA**, do 13 de Maio, Núcleo de Educação Popular, S.Paulo.

Em 2009, estamos completando **23 ANOS DE VIDA**.  
**Vinte e três anos** informando e educando a **classe trabalhadora!**

**ASSINE AGORA A CRÍTICA** Ligue agora para (11) 9235 7060 ou (11) 8201 6059 ou passe um e-mail para [criticasemanal@uol.com.br](mailto:criticasemanal@uol.com.br) e saiba as condições para a ***assinatura!***